Capítulo XIII - NÃO PODE SER VERDADE

De pé no convés, eu passei a ter uma capacidade de avaliação mais ampla do conjunto Bateau-mar, pois enquanto estávamos sentados o campo de visão era limitado, principalmente enquanto as pessoas, mais próximas à nossa mesa, estavam circulando ou conversando em grupos formando pequenas rodas.

Agora olhando para as lanchas que passavam velozes a bombordo do nosso barco, eu tinha certeza de que o Bateau avançava de forma muito lenta. Faltava, no entanto, uma análise muito importante para confirmar o quase repouso da embarcação: mesmo de pé, eu não tinha uma boa visão da proa para inferir o nível de resistência frontal causada pela movimentação das correntes que vinham do mar em direção à baía.

Esta ausência de avaliação complementar foi sanada quando percebi, a estibordo, que estávamos em frente à Praia Vermelha, último trecho de litoral antes de Copacabana, pois eu podia escolher um determinado marco significativo em terra para servir como referencial do ritmo do deslocamento. Fixei-me então, em um poste de luz bem alto, sem nenhum obstáculo ao seu redor que pudesse atrapalhar a minha análise. Para confirmar a minha preocupação, depois de 2 minutos observando o ponto de referência, constatei que a relação espacial entre o Bateau e o poste na orla era praticamente a mesma.

Não foi difícil concluir que o constante balanço do barco mascarava, para a grande maioria das pessoas a bordo, a percepção de que havia algo de errado com o progresso do Bateau naquelas condições adversas. Muito pelo contrário, ao sentir que houve uma descontinuidade na apresentação da banda, certamente pela redução do nível de segurança para quem estava de pé portando um instrumento musical, vários passageiros uniram as suas vozes para entoar a famosa marchinha de carnaval “Se a canoa não virar (eu chego lá)”.

Esse estado de uma certa alienação quanto ao aumento contínuo do risco daquela navegação começou a se reverter rapidamente quando um impacto mais forte de uma onda a bombordo levou o barco a se inclinar atingindo um grau muito acentuado que ainda não tinha sido observado.

Capítulo XIII - NÃO PODE SER VERDADE

A partir desse momento, pude notar que as feições das pessoas passaram a se alterar, mudando da alegria para a preocupação. E nessas condições de apreensão, a música parou de ser cantada. Afinal, diante das circunstâncias, a tendência mais provável indicava que, ao contrário dos versos da marchinha, a “canoa” iria virar e nós não chegaríamos lá.

Como estávamos de pé e o chão passou a ser um elemento fundamental para as frequentes tentativas de manter o equilíbrio naquele conjunto de episódios marcados por oscilações crescentes, olhei instintivamente para baixo, na tentativa de identificar o tipo de piso que recobria o convés. Não foi difícil constatar que se tratava de placas de alumínio lavradas – com desenhos em alto-relevo inspirados na figura de um tabuleiro de xadrez – semelhantes às usadas para recobrir o chão de ônibus urbanos, sempre com o objetivo de aumentar o atrito em relação ao movimento das solas dos calçados dos usuários, reduzindo o risco de quedas.

Minha análise foi interrompida por um puxão na minha mão direita. Ana, preocupada com a situação crítica de equilíbrio, tinha se posicionado entre as duas mesas que estavam à nossa frente e com a mão direita segurava a amurada do barco, enquanto com a outra, tentava me manter próxima a ela.

Só entendi a opção de posicionamento escolhida por Ana quando olhei para o homem que estava sentado na mesa imediatamente oposta à que estávamos ocupando poucos minutos antes: com os olhos arregalados, ele segurava o tampo da mesa para evitar que ela deslizasse a cada oscilação do barco. Assim, caso Ana optasse por buscar apoio na mesa seria mais um peso que o homem precisaria suportar.

Naquelas condições significativamente adversas, pensei em voltar para a nossa mesa por meio de uma manobra rápida, mas avaliei que seria muito arriscado, porque os dois casais permaneciam no local, amparados pela amurada, ao mesmo tempo em que tentavam evitar que a nossa mesa e as cadeiras os imprensassem contra a estrutura do barco. Considerando a inclinação alcançada pelo barco, a situação de equilíbrio dos quatro, de pé na parte que se transformava aos poucos no lado inferior do convés, tornou-se extremamente instável.

Capítulo XIII - NÃO PODE SER VERDADE

As avaliações a respeito de qual iniciativa tomar para continuarmos a bordo começaram a ficar comprometidas quando um novo impacto no Bateau Mouche a bombordo provocou uma forte oscilação, mas que não foi seguida de um retorno à posição de equilíbrio. Em outras palavras, o barco assumiu uma posição inclinada extremamente preocupante.

Neste momento, ainda com Ana segurando a minha mão, levantei mais a cabeça e, olhando para a proa, vi que algumas pessoas já se atiravam ao mar, certamente acreditando que o final daquela viagem estava definido.

Eu continuava com a opinião de que um passeio tão especial não poderia ser interrompido na forma de um desastre, mas não me arriscava a passar essa visão otimista para Ana.

Ela continuava sustentando a minha permanência ao seu lado, quando uma nova onda aumentou a inclinação do barco e eu comecei a derrapar no piso de alumínio, tornando-me um peso praticamente insuportável para ela.

No impacto seguinte, com o Bateau virando-se ainda mais ainda para estibordo, Ana, instintivamente, soltou a minha mão, provavelmente com a vã esperança de que, permanecendo unida à amurada, ela estaria a salvo do pior.

Liberado do único suporte que me mantinha no interior do barco, eu me tornei um corpo sem qualquer autonomia para definir o meu trajeto, pronto para iniciar uma decolagem integralmente sem controle.